

O NEGRO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA

Luciana Cunha Lauria da Silva¹
Katia Gomes da Silva²

Resumo: O presente trabalho pretende pesquisar como a imagem e a cultura negra têm sido apresentadas nas obras literárias destinadas ao público infantojuvenil. Faremos, inicialmente, uma passagem pela parte histórica da literatura infantojuvenil para, posteriormente, analisarmos as tendências atuais centradas na produção de livros que buscam romper com os estereótipos e preconceitos raciais, criando textos mais próximos de uma realidade plurirracial e multicultural como a nossa.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil negra, estereótipo, resistência, preconceito.

Abstract: This work intends to investigate how the image and the black culture has been presented in literary works aimed at children and youth. We will make an initial pass through the historic part of children's literature to then analyze current trends centered on the production of books that seek to break the stereotypes and racial prejudices, creating a text closer to reality as multi-racial and multicultural our.

Key words: Black children's literature, stereotype, strength, bias.

¹Licenciada em Letras pela Universidade Veiga de Almeida (UVA) e Especialista em Cultura, Literatura e História Afro-Brasileira pela Universidade Católica da Petrópolis (UCP), Gerente Administrativo da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

²Licenciada em História e especialista em História da África e do Negro no Brasil pela Universidade Cândido Mendes (UCAM).

uma nova família que passa a se preocupar mais com a educação e a formação de suas crianças e jovens, antes considerados apenas como miniaturas de adultos, conforme atesta Regina Zilberman no trecho abaixo transcrito:

A literatura infantil brasileira nasce no final do século XIX. Antes das últimas décadas dos oitocentos, a circulação de livros infantis era precária e irregular, representada principalmente por edições portuguesas. Estas surgem a partir dos últimos anos do século passado, quando se assiste a um esforço mais sistemático de produção de obras infantis que, por sua vez, começam a dispor de canais e estratégias mais regulares de circulação junto ao público (ZILBERMAN, 2003, p.15).

As primeiras edições brasileiras voltadas para o público infantojuvenil tiveram grande influência europeia, principalmente portuguesa, sendo as narrativas apenas adaptadas à linguagem brasileira. Como aponta Regina Zilberman, são as traduções de Carlos Jansen para os romances de Robson Crusóé, de Daniel Defoi e *As aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen*, de Laemmert & C., como também a tradução de João Ribeiro e Olavo Bilac para Cuore de Wilhelm Bush, em 1910, que marcam o início da literatura infantil brasileira.

Foi com o processo de nacionalização, que coincide com a abolição da escravatura, que se iniciaram os primeiros programas voltados para o desenvolvimento da imprensa e da editoração de livros, inclusive aqueles dedicados ao público infantil. Esses fatos são concomitantes com o progressivo prestígio das camadas urbanas, as quais se direcionavam a produção de livros naquela época. As cidades brasileiras cresciam, contando, também, com uma grande concentração de imigrantes. Os autores nacionais tiveram, pois, de se adequar a essa nova paisagem.

Além desses autores, circulam nas mãos de nossas crianças os *Contos da Carochinha*, *Histórias da avozinha*, *Contos de Fadas*, *Histórias da baratinha*. Numa outra vertente, encontramos a tendência nacionalista, cujo intuito era o de enaltecer – custe o que custar –, o amor à pátria, à natureza brasileira, como aparecem em textos de Olavo Bilac ou nos de Júlia Lopes. Além desses, há ainda aqueles livros que visam à educação moral das crianças, com ideais cívicos e pedagógicos, inculcando-lhes a caridade, a obediência, a aplicação ao estudo, a constância no trabalho, a dedicação à família, em textos como o conto “A pobre cega”, de Júlia Lopes, os poemas “A Boneca”, de Olavo Bilac, ou “Em caminho” de Zalina Rolim.

Assim sendo, a literatura infantil brasileira foi, de fato, um produto oriundo da ascensão da burguesia. O Rio de Janeiro crescia ao sabor da exportação de café e do setor burocrático. São Paulo amadurecia com os investimentos financeiros e a expansão da agricultura. Fortalecia-se o ensino universitário, a organização do exército, formando-se, assim, a base da burguesia nacional. A literatura infantil, por sua vez, adequa-se a esse quadro apresentado, social, político, econômico e familiar, através do seu cunho eminentemente pedagógico, como já mencionamos anteriormente e reafirmamos através das constatações de Regina Zilberman:

É no âmbito da ascensão de um pensamento burguês e familista que surge a literatura infantil brasileira, repetindo-se aqui o processo ocorrido na Europa um século antes, e como no Velho Mundo, o texto literário preenche uma função pedagógica, associando-se muitas vezes à própria escola, seja por semelhança (convertendo-se no livro didático empregado em sala de aula) ou contigüidade (o livro de ficção que exerce em casa a missão do professor, como nas narrativas de cunho histórico de Viriato Correia e Érico Veríssimo, ou informativo, em Monteiro Lobato). (ZILBERMAN, 2003, p.207)

Ora, nem por um momento citou-se, mesmo que de forma tangencial, a criança negra. Até o momento, o que vimos foram preocupações relacionadas ao *status* burguês e à manutenção de uma versão idealizante de um Brasil equilibrado, moralista, cujos filhos, trabalhadores, e cujas famílias, bem constituídas, teriam livros e escolas que reforçassem esse padrão europeu de sucesso e de organização.

Invisíveis ficavam as crianças pobres, tanto os mulatos, quanto brancas, que só ganharão vez e voz literárias nos meados do século XX, quando surgem novos modelos econômicos e novas identidades culturais de classe, sexualidade, etnia e nacionalidade.

CRIANÇAS NEGRAS: UMA LITERATURA PARA VOCÊS - REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

Segundo Brokshaw (*apud* Castilho), a figura do negro na Literatura Brasileira anterior a 1850, antes da abolição do tráfico de escravos, era praticamente inexistente. Existem dois fatores que podem afirmar esse silenciamento, mas que, mesmo assim, não justificam por completo. O primeiro diz respeito à opinião de alguns escritores da época, que não consideravam os escravos, os negros, como seres humanos. O segundo é em relação ao público leitor, a quem a escrita se dirigia. Os escritores precisavam do apoio dos senhores de escravos ou dependiam do amparo das instituições escravocratas, isto é, como Suely Dulce de Castilho mesmo aponta, os escritores “*estavam do lado dos opressores e não poderia dar atenção aos oprimidos*”. (CASTILHO, 2004b, p 104.). Além disso, os negros, na época da escravidão, não eram letrados, sendo pouquíssimos os casos de exceção à regra, portanto, não havia preocupação no sentido de escrever a uma população que não consumiria suas produções literárias.

Apenas em 1856, com o surgimento de *O Comendador*, escrito por Pinheiro Guimarães, é que começa a abordagem da temática sobre os humanos em condição escrava. É importante ressaltar que, nesse período romântico, entre os anos de 1836-1881, os escritores estavam voltados para a construção da identidade nacional. Identidade essa vinculada à imagem do índio como forma de oposição à imagem do colonizador português, nesse momento profundamente mal visto; por Gonçalves Dias, na poesia, ou por Alencar, na ficção, por exemplo. O negro, quando aparecia, era apenas para contracenar com o índio, com uma

imagem distorcida, por inferiorização, devido às ideias eurocêntricas que viam os negros escravizados como selvagens, embrutecidos, ou, pior, animalizados.

Com os movimentos abolicionistas e, posteriormente, com a conquista da libertação dos escravos, em 1888, surge a primeira heroína escrava, na obra *A escrava Isaura*, do escritor romântico Bernardo Guimarães. Entretanto, o escritor mineiro, provavelmente, para não chocar as elites, o público leitor, embranqueceu-a, como podemos observar abaixo:

A tez era como o marfim do teclado, alva que não deslumbra embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. (GUIMARÃES, 1997, p.13).

Um pouco mais à frente, já sob o domínio da estética naturalista, é publicado *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo (1881), que repete, guardadas as diferenças, procedimento semelhante ao de Bernardo Guimarães. É interessante observar que, apesar de ter como objetivo a denúncia do preconceito racial, o autor cai na armadilha da inversão, pois o personagem, o herói mulato, é idealizado e colocado como um mulato fino, bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra. A obra é delineada pelo prisma da valorização, quanto às possibilidades e capacidades que qualquer ser humano possui; no entanto, encobria a realidade da maior parte dos negros viventes na época.

Nem mesmo os escritores abolicionistas conseguiram escapar dessa visão distorcida a respeito da população negra e, de forma recorrente, o negro é visto como um ser endemoniado, medroso e frágil, por se deixar levar por credices e superstições. Isso são todas causas do “choque” cultural, frente ao diferente, e pela irresistível tendência etnocêntrica. Edward Said, um crítico linguístico, em *Orientalismo*, explica que é toda uma pretensa cientificidade, baseada e formada a partir de si, em caráter eurocêntrico, para entender o “outro”, o diferente, se guiando por uma escala hierárquica de valor. Nesse sentido, incluíse o próprio Castro Alves, como afirma a professora Suely Dulce de Castilho na seguinte passagem:

Castro Alves foi o escritor mais ilustre da causa escrava no Brasil, mas também representou o negro de forma tão sinistra quanto outros romancistas de sua época. Segundo Brookshaw (1983), Castro Alves ainda via os negros como a raça maldita, os descendentes de Caim que tinham sido expulsos do paraíso para as areias ardentes da África; reproduziu o mito europeu que considerava a África um continente desafortunado e abandonado pela civilização. (CASTILHO, 2004b, p.105)

No entanto, não podemos perder de vista que todos nós vivemos de acordo com o nosso tempo. Cada momento da história tem seus diversos temas geradores, seus paradigmas. É claro que alguns intelectuais se diferem nas análises, mas se preocupam, de certa maneira, em debater temas que são da ordem do momento vivido. Temos que reconhecer a importância de Castro Alves em dar voz a uma parcela da população que era praticamente invisível na literatura. Devemos, sim, trazer os escritos dele e de outros e criticarmos suas visões, de acordo com o avanço dos estudos; conseqüentemente, oferecendo novas perspectivas. Não devemos descartar tais obras, temos que revisitá-las sempre, buscando o entendimento de suas construções para que haja desenvolvimento intelectual. A história e seus fatos, assim como a literatura, já tiveram seus “dados rolados”,

porém, a interpretação é contínua, no ato de aprofundamento das questões. O passado não muda, mas a forma como o compreendemos pode sofrer mudanças.

Infelizmente, a imagem do negro, no imaginário brasileiro, esteve sempre deturpada por estereótipos que vão desde a imagem de feiura e bestialidade até o exagero nas tendências ao erotismo e à sexualidade, algo que se mantém até os dias atuais. Eis por que a atual literatura infantojuvenil tem se dedicado a desfazer essas imagens, na tentativa de instaurar novos modelos para a criança negra, valorizando as suas tradições e sua identidade, como veremos mais a frente.

A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Segundo a professora Suely Dulce de Castilho:

No Brasil, Monteiro Lobato foi o precursor da Literatura Infanto-Juvenil. Foi um escritor brilhante que emocionou gerações. Inovou em suas narrativas dando às crianças iniciativas criadoras, irreverência, amor, compromisso, com a invenção e com a liberdade, direito ao questionamento, revelou suas inquietações, enfim, humanizou as crianças através dos personagens (Emília, Pedrinho, Narizinho) e levou ao conhecimento das crianças uma visão política do Brasil. (CASTILHO, 2004b, p.41).

Entretanto, a professora apresenta-nos outra face do escritor, não tão sedutora quanto a primeira. Segundo ela, Monteiro Lobato foi o autor de obras infantis que mais explicitamente expuseram sua negrofobia. Seus personagens negros ora eram apresentados como animais selvagens, ora infinitamente resignados. A Tia Anastácia, a principal personagem negra do escritor, era analfabeta e chamada “a negra de estimação”, “negra que é tratada como parte da família”. Os traços e estereótipos dos negros eram descritos com desprezo e, até certo ponto, provocavam sentimento de desprezo e horror. Podemos observar tal afirmação em um trecho retirado do livro *Memórias de Emília*:

Negra beijuda! Deus que te marcou, alguma coisa em ti achou. Quando ele preteja uma criatura é por castigo. Essa burrona teve medo de cortar a ponta da asa do anjinho. Eu bem que avisei. Eu vivia insistindo. Hoje mesmo eu insisti. E ela com esse beirão todo: “Não tenho coragem... é sacrilégio...” Sacrilégio é esse nariz chato².

Monteiro Lobato faz referência à Tia Nastácia, em grande parte das suas obras, com preconceito. Ela aparece sendo discriminada e sem cultura. Nas obras, as histórias contadas por ela são, inclusive, consideradas pelos outros personagens do Sítio como de mau gosto. Outros personagens também são vítimas de preconceito e passam a integrar o paradigma de tudo o que é ruim, errado e incapaz. Esses aparecem com menos frequência como é o caso do Saci, coadjuvante de Pedrinho, que encarna todos os vícios que as crianças não podem ter, ou do Tio Barnabé, que, ao longo das histórias de Lobato, é relegado a papéis secundários.

As estórias de Lobato devem ser lidas, embora todo o encanto e importância para a literatura brasileira, observando os preconceitos expostos, decorrentes de uma visão do autor enquanto sujeito histórico de sua época, pois, sem a leitura atenta a essas questões, preconceitos racistas são reforçados e ressaltados no momento em que o autor apresenta o negro com vários estereótipos negativos. Tanto na literatura, quanto nas mídias em geral, o negro aparece, comumente, como coadjuvante ou figurante, ou seja, sendo sub-representado e não exercendo o papel de protagonista. O universo em que ele aparece relaciona-se, na maioria das vezes, à camada pobre da sociedade. O seu papel é aquele de menor prestígio: engraxate, empregada doméstica, operário, lavador de carros, ou, pior, associado ao tráfico, ao banditismo, à marginalidade.

Do ponto de vista educativo, Suely Dulce, afirma que:

Esse processo de discriminação pode estar comprometendo tanto a formação da criança negra quanto da branca. Para a criança branca, essas obras literárias podem reforçar a ideologia da superioridade e supremacia de sua “raça”, por outro lado, pode subestimar estigmatizar e em muitos casos fragmentar a auto-estima da criança negra. (CASTILHO, 2004b, p.109)

A ausência de personagens negros ou a sua marginalização nas histórias infantojuvenis acarreta, de fato, sérias consequências no imaginário do educando, criando uma realidade distorcida e preconceituosa, contribuindo, assim, para a sustentação de uma ordem social desigual. Somente na década de 80, ocorre uma mudança nesse lamentável quadro que tantos malefícios trouxe para a formação das crianças e jovens brasileiros. Surgem, nesse momento, determinados livros com novas propostas, cujo objetivo central é, exatamente, romper com a visão estereotipada dos negros, valorizando suas tradições e também o seu aspecto físico.

Dentre essas obras, podemos destacar *Luanda*, de Aroldo Campos e Osvaldo Faustino, que nos apresentará uma heroína que representa um sinal de prestígio não só individual, mas também ancestral dada às associações que o substantivo traz para o imaginário do leitor. Luanda é a primeira heroína negra na literatura infantil e ela é a personagem principal da estória. Outro exemplo é *Histórias da Preta*, de Heloisa Pires Lima. As duas obras procuram retratar o outro lado das histórias dos africanos e afrobrasileiros, durante anos legada ao esquecimento pela literatura infantojuvenil.

Com a finalidade de mudar o quadro aparente, ocorreram importantes reformas curriculares, com questões relativas ao preconceito racial. O marco é a Lei 10639/03, que impõe o ensino obrigatório da História e da cultura afro-brasileiras, incluindo o estudo da História da África e dos africanos. Com isso, formaram-se as bases e subsídios para que as escolas não só valorizassem a presença, a história, a cultura e a participação dos negros na construção do país, como também problematisassem como se organizam as relações raciais na sociedade brasileira. São valorizações importantes de uma cultura e história que nos foi negada, pois, afinal, somos todos afro-brasileiros, independentemente da cor da nossa pele. Já reconhecemos nossas raízes europeia e indígena, porém menosprezamos a africana. É claro que a história e cultura dos índios brasileiros ainda precisam receber a devida importância e visibilidade merecidas, mas, quanto à identificação, colocamos a matriz africana como algo inferior.

Após essa lei, debates significativos em torno do negro e de sua inserção na sociedade vêm acontecendo com maior frequência, motivando algumas experiências voltadas para a área de produção de materiais didáticos e práticas pedagógicas que possibilitem reflexões democratizantes a propósito das relações raciais quanto às questões de ordem social, religiosa e étnica, que configuram a formação da sociedade brasileira.

O Brasil está precisando rever os seus conceitos acerca da temática racial. Para isso, novas propostas e novos olhares devem se orientar para a direção de uma sociedade mais igualitária e, conseqüentemente, mais justa e democrática. Isso é um dever de todos, pois envolve a todos, e os ganhos são em conjunto também, pois os preconceitos de qualquer ordem e, nesse caso, o preconceito racial, perpetuam uma sociedade “doente”, que privilegia ou exclui pela cor da pele ou por fenótipos. Quando dizemos que é um dever de todos, também se inclui à lista o Estado, afinal, a Constituição Federal precisa garantir seu artigo “somos todos iguais perante a Lei”. Infelizmente ainda há pessoas que afirmam não haver racismo no Brasil ou, quando racismo é admitido, ninguém se mostra como racista. Isso se deve ao fato de discriminação racial se realizar na dificuldade da ascensão social dos negros. E, como Florestan Fernandes explicou, nosso preconceito é dissimulado e assistemático:

Os brancos não vitimizam consciente e deliberadamente os negros e os mulatos. Os efeitos normais e indiretos das funções do preconceito e da discriminação de cor é que o fazem, sem tensões raciais e sem inquietação social. Restringindo as oportunidades econômicas, educacionais, sociais e políticas do negro e do mulato, mantendo-os “fora do sistema” ou à margem e na periferia da ordem social competitiva, o preconceito e a discriminação de cor impedem a existência e o surgimento de uma democracia racial no Brasil (FERNANDES, 1972, p.73).

Exercendo esse dever, enfatizamos a importância de se buscar, tanto os pais como os educadores, produções literárias que se preocupam em demonstrar a valorização do corpo, da cultura e história dos negros, para que as crianças cresçam aprendendo seu passado histórico e tendo condições de se desenvolver integralmente, aptos a viver na nova ordem global que se inicia, garantindo a valorização de todos os seres humanos a fim da construção de uma sociedade mais justa e igual.

GEORGINA MARTINS: MEU TATARAVÔ ERA AFRICANO E MINHA FAMÍLIA É COLORIDA

Apesar de todas as mudanças no projeto educacional, e na literatura infantojuvenil, encontramos, ainda, num cenário bastante complicado em relação à aceitação do negro na sociedade. Muitos trabalhos e pesquisas fazem-se necessários para exterminar, de forma radical, séculos de preconceito racial e discriminações em relação aos negros, personagens principais na construção desse país.

O racismo existe; não devemos fugir dessa realidade. Precisamos, sim, buscar a identidade afro-brasileira, dar condições para que o negro se aceite e se valorize. Também devemos reeducar nosso olhar para reconhecer a beleza

da cultura e do corpo negro. E é sobre esse tão delicado assunto que iremos agora trabalhar, apresentando a breve análise de dois livros, cujos enredos se pautam, exatamente, na questão da valorização da identidade afrobrasileira.

Meu tataravô era africano, de Georgina Martins e Teresa Silva Telles, foi editado pela Editora DCL, com ilustrações de Maurício Negro, pirogravuras colorizadas com pigmentos naturais e anilinas, que simbolizam a confluência de culturas que ajudaram a formar a identidade do nosso país. Georgina Martins é professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), trabalha com projetos de literatura infantojuvenil e é consultora de literatura infantil no Centro Educacional Acalanto/RJ. Teresa Silva Telles estudou Geografia na Universidade do Rio de Janeiro e sempre teve fascínio pelo continente africano.

O enredo do livro gira em torno de Inácio, um menino negro, que, em uma aula de história, depara-se com o passado dos seus ancestrais, ao descobrir que o bisavô do seu avô, ou seja, seu tataravô era um escravo. É quando ele e seu avô passam a trocar conhecimentos sobre o assunto, chegando a grandes descobertas, com a trajetória e sofrimentos dos africanos escravizados durante a época da colonização. Eis como as histórias das três gerações se enlaçam para reconstruir a própria história do Brasil. A versátil cronologia do livro permite o livre trânsito entre o passado e o presente, o que dinamiza a leitura, permitindo aguçar o senso crítico do leitor, que passa a melhor compreender o presente, ouvindo as vozes pretéritas.

Segundo depoimento das autoras, fundamental se faz que nós, brasileiros, tenhamos conhecimento do continente africano, sobretudo do período em que se deu a comercialização dos seus povos para as Américas:

Achamos muito importante que nós, brasileiros, conheçamos a história do continente africano, principalmente a do período em que vários povos africanos foram trazidos para cá como escravos, pois só deste modo poderemos compreender melhor a origem da nossa cultura e da nossa identidade. (MARTINS, 2008, p.54)

Citações de poemas, trechos de canções com temas voltados para a afrodescendência, mapas, recortes de jornais da época da colonização são elementos importantes que fizeram do livro uma excelente indicação para fortalecer a identidade da criança negra e o reconhecimento de um lado de nossa história, ainda tão pouco valorizada.

De Georgina Martins, com ilustrações de Maria Eugênia, também editado pela Editora DCL, *Minha família é colorida* tem Ângelo como personagem principal. Trata-se de um menino muito observador, que, além dos pais, convive com os dois irmãos, João e o Camilo. Em um dia, depois de observar toda a sua família, pergunta para sua mãe: “-Mãe, o meu cabelo não “vua”, o da minha avó Marli “vua”, o seu “vua”, o do Camilo “vua” um pouco, e o do meu pai, não. Sabe por quê? Meu pai passou cola no meu cabelo e no dele também.” (MARTINS, 2005, p.6).

A mãe que ficou um pouco perdida com a pergunta, logo compreendeu o que o menino queria dizer com “vuar.” Ora, ele deve ter percebido que alguns familiares possuíam cabelos lisos e outros, crespos. Surge, então, o conflito, a partir das diferenças que acontecem dentro da própria família, e, de forma extremamente espontânea, a autora tangencia o tema da miscigenação.

E as perguntas se sucedem, até o momento em que o menino pergunta aquilo que ele queria saber desde o início: “-Mãe, eu sou negro?”. A resposta vem em forma de deliciosas histórias, que mesclam didatismo com afetividade, lirismo com conhecimento. Sua mãe inicia as explicações dizendo que “*num lugar distante o pai do pai do pai do Ângelo conheceu a mãe do pai do pai do Ângelo.*” Ele se apaixonou pela cor da pele dela “*que era negra como a noite*” e pelos seus olhos “*que eram pretinhos como duas jabuticabas maduras*”. Vemos, aqui, bem ao contrário da desvalorização com que era visto no passado, como as características do negro recebem valores positivos, esteticamente agradáveis, deixando, pois, subtendidos os conceitos de que ser negro é ser bonito e bom.

A mestiçagem é tratada de uma forma natural e poética, como nessa belíssima explicação da mãe: “*E, quase todas as vezes em que eles ficavam juntos, os pedacinhos de um se misturavam com os pedacinhos do outro. Dessa mistura de pedacinhos, é que nasceram os filhos*”. Assim a família foi crescendo; uns casaram-se com brancos, outros com negros, olhos azuis ou olhos verdes, cabelos mais ou menos lisos, outros cabelos encaracolados. A família se misturando. A mãe de Ângelo, para contar toda essa história, utiliza artifícios, formas e comparações lúdicas. Cita, como exemplo, o cotidiano, coisas simples que a criança pôde identificar, despertando, assim, a curiosidade do menino: pele negra como a noite e pele branca como um copo de leite.

Com isso, ele pôde identificar a razão de seus familiares serem diferentes, uns com a pele clara, outros, escura; alguns de olhos verdes, outros, azuis. Isso ele pôde comprovar na sua própria casa: um irmão tem cabelo liso, olhos verdes, e ele, com olhos pretos e cabelos crespos; seu pai é branco, de cabelos claros, e sua mãe, morena, de cabelos pretos e anelados. Assim, ele chega à conclusão de que sua família era toda colorida e bonita como sua caixa de lápis de cor.

Com Georgina Martins, Teresa Silva Telles, Maurício Negro e Maria Eugênia, a literatura infantojuvenil brasileira ganhou um presente, construído pela sabedoria de autores e ilustradores que, com a fineza e firmeza, souberam tocar a sensibilidade e a inteligência não só de jovens leitores, mas de todas as idades, cores, classes sociais, línguas e culturas diversas, porque se aproximaram, de fato, da condição humana, numa harmônica junção igualitária.

CONCLUSÃO

Falarmos em conclusão é, para nós, algo estranho, pois sabemos que esse encontro com a literatura infantojuvenil brasileira significa, de fato, o início de muitas pesquisas que devemos empreender. O que, na verdade, foi fundamental para nosso conhecimento baseia-se na certeza de que, sem o diálogo interdisciplinar, pouco ou nada caminharemos na busca de soluções para explicarmos às crianças e aos jovens, ou seja, aos nossos alunos, as reais condições dos negros em nosso país.

Essa foi a razão que nos levou a empreender aquela viagem pela história da literatura brasileira com o fim de traçarmos as imagens que se instalaram sobre o negro no imaginário dos leitores. E assustados retornamos: evidente estava, na literatura e na história do Brasil, a inferiorização do negro diante da superioridade europeia. Mas, se essa conscientização trouxe-nos a perplexidade,

por outro lado, aguçou-nos o desejo de ver revertida tal situação. Isso só se tornou possível quando nos deparamos com a produção literária dos meados do século XX, notadamente, na década de 1980, quando ocorreu o “boom” de uma literatura verdadeiramente interessada em mobilizar o senso não só estético, mas também reflexivo das crianças e jovens leitores para questões da realidade brasileira, como o é as relações raciais.

Eis, então, que nos surgem, no meio de tantos brilhantes autores, escritoras como Georgina Martins e Teresa Silva Telles e ilustradores do porte de Maurício Negro e Maria Eugênia, que hoje revolucionam, de fato, o panorama da literatura infantojuvenil brasileira, criando um público-leitor crítico, sensível às diferenças que, se antes eram motivo de discriminação, tornam-se, agora, elos de uma corrente que colore o nosso país, um Brasil pluriétnico.

Notas

- 1 - Poema “Um homem tenta ser anjo” de Oswald de Camargo In: FERNANDES, 1972, p.186
- 2 - LOBATO, Monteiro. Memórias da Emília In: CASTILHO, Suely Dulce. O Ser Negro e a Literatura Infanto-Juvenil. Cadernos Negros, São Paulo: Quilombhoje, v.27, 2004a, p.41.

Referências bibliográficas

- CASTILHO, Suely Dulce. O Ser Negro e a Literatura Infanto-Juvenil. **Cadernos Negros**, São Paulo: Quilombhoje, v.27, 2004a.
- CASTILHO, Suely Dulce. A Representação do Negro na literatura Brasileira. **Novas Perspectivas**, v.7 n^o01, 2004b.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2006.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos**. 4. ed. São Paulo: Global Universitária, 1993.
- LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.
- MARTINS, Georgia; TELLES, Teresa. **Meu tataravô era africano**. 1. ed. São Paulo: DC, 2008.
- MARTINS, Georgina. **Minha família é colorida**. 1. ed. São Paulo: SM, 2005.
- OLIVEIRA, Ieda. **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? : com a palavra o escritor**. 1. Ed. São Paulo: DCL. 2005.
- OLIVEIRA, Maria Rosa, D.; PALO, Maria José. **Literatura infantil: voz de criança**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- PATERNO, Semíramis. **A cor da vida**. 1. ed. Belo Horizonte: Lê, 1997.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.